

A CULTURA É O HOMEM, E TUDO MAIS

CULTURE IS THE MAN, AND EVERYTHING MORE

ANGELINE, Ana Michelle Lopes¹
MARTINS, Renato Leal Catunda²
MARTINS, Tiago Leal Catunda³
SILVA NETO, Walber Angeline da⁴

RESUMO

O trabalho que aqui se apresenta constitui-se em revisão integrativa de textos que flertam com a perspectiva da cultura, da sociedade e da natureza, e se debruçam sobre os discursos da identidade. Por este viés, o presente texto tem como objetivo elencar significados-chaves dos textos e refletir acerca do exposto objetivando a promoção da educação cultural. O trabalho se justifica à medida que serve para balizar futuras pesquisas e construir um discurso coerente com os pensamentos modernos sobre o tema da cultura. Para tanto, se apoiará em fontes bibliográficas que contemplem as questões ora mencionadas e dividir-se em apresentação das teorias, comentários críticos e, posteriormente, em reflexão conclusiva.

Palavras-chave: Sociedade; Natureza; Identidade.

ABSTRACT

This article is considered a integrating review of texts that flow with the perspective of culture, society and nature, and declare on the discussions of identity. Therefore, this text has a purpose, to elect key meanings of the texts and to reflect about the exhibit for the promotion of cultural education. The text is justified to the measure that serve to basilate future research, as well as the construction of a coherent speech with the modern thoughts on the theme of culture. Therefore, bibliographic fonts will be supported which contemplate the questions either mentioned and shall be divided in presentation of theories, critical comments and, then, in conclusive reflection.

Keywords: Society; Nature; Identity;

¹ Especialista em Acupuntura – INCISA. Pós-Graduanda em Fisioterapia - UNINOVAFAPI Graduada em Fisioterapia – IEST.

² Professor da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Especialista em Graduado em Direito Constitucional – CEUT . Graduado em Direito – CEUT.

³ Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão – FACEMA. Mestrando em Sistemas Ambientais Sustentáveis – UNIVATES. Especialista em Direito Civil – CEUT. Graduado em Direito – CEUT.

⁴ Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão – FACEMA. Mestrando em Ambiente e Desenvolvimento – UNIVATES. Especialista em Prática Projetual de Arquitetura e Engenharia – UFPI. Graduado em Arquitetura e Urbanismo – ICF.

INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui se apresenta constitui-se em revisão integrativa de textos que flertam com a perspectiva da cultura, da sociedade e da natureza, e se debruça sobre os discursos da identidade, sendo que estes se relacionam diretamente aos primeiros, tratando-se, portanto, de uma dinâmica ampla e complexa.

Os motes dos textos/debates estão presentes em discussões periódicas de intelectuais que discutem as questões sociais no país e no mundo. Desta maneira, as argumentações tornam-se cada vez mais necessárias e presentes, possibilitando uma completude de entendimento.

Esta produção é importante, portanto, à medida que possibilita a retomada das discussões textuais de forma condensada, facilitando a compreensão e permitindo a documentação de pontos relevantes levantados. Além disso, serve de instrumento para estudos posteriores – como as dissertações e teses – facilitando a busca por referências e embasamento teórico, entendendo este, não como um trabalho fechado, mas como obra norteadora, caderno de ideias, possibilitando, assim, ainda, a análise dos referidos temas.

Ademais, é precisa-se pontuar a relevância deste trabalho para a construção de um pensamento crítico acerca das questões levantadas, entendendo os textos que serão discutidos, como instrumentos de aprendizagem teórica e alicerce para a elaboração de discursos.

Por este viés, o presente texto tem como objetivo elencar os significados-chaves dos textos, da mesma maneira revelar comentários críticos, a fim de promover a educação cultural na perspectiva da sociedade/natureza.

Assim sendo, o documento divide-se em 4 (quatro) capítulos. O primeiro delas apresentará os procedimentos metodológicos, em seguida, a introdução, apresenta o trabalho e esclarece seus objetivos. No terceiro momento, são apresentados os fragmentos-chaves dos textos acompanhados de comentários críticos. E, por fim, no quarto capítulo, as considerações finais serão expostas.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho que aqui segue, é o resultado de estudo sobre sociedade, natureza e cultura, costurado a partir do estudo e interpretação de 7 (sete) textos que ajudam a construir um repertório atual a cerca dos termos ora citados. A pesquisa é, portanto, uma revisão dos conceitos abordados acompanhada de discussão que condensa o raciocínio, auxilia o norteamento de futuras pesquisas e constrói um pensamento homogêneo, linear e atual.

Para tanto, o primeiro procedimento adoto foi a escolha dos textos a serem examinados que deveriam encaixar-se em requisitos previamente escolhidos, quais sejam do estudo da cultura como construção social e da natureza como expressão da cultura. Neste sentido, os textos escolhidos para análise foram: Cultura: um conceito antropológico[1]; Antropologia para quem não vai ser antropólogo [2]; O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: Por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção [3]; As bases teóricas da história ambiental [4]; Forasteiros na floresta subtropical: notas para uma história ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul [5]; A natureza em pessoa: sobre outras práticas de conhecimento [6] e Natureza e cultura na paisagem amazônica: uma experiência fotográfica com ressonância na cosmologia ameríndia e na ecologia histórica [7].

A escolha dos textos partiu da busca por um estudo que pudesse envolver diferentes pontos de vistas e planos de fundo, mas que compartilhassem de pensamentos que compreendessem o raciocínio geral, onde a leitura e interpretação de cada texto dependessem da leitura prévia do texto anterior, a fim de construir uma linha de raciocínio em ciclo fechado.

O segundo momento da pesquisa foi a definição dos conceitos relevantes de cada textos que serviram de norte para a escolha dos textos seguintes e que definiram quais pensamentos precisavam de maior ou menor elevação. Em seguida, optou-se pela elaboração de comentários críticos por cada um dos autores do artigo, para que se criasse uma análise sob diferentes pontos de vista, auxiliando na elaboração de um discurso fortalecido.

Por fim, em um terceiro momento, estudaram-se cada um dos comentários referentes aos textos previamente selecionados apontando o pressuposto defendido.

DESENVOLVIMENTO

SOCIEDADE, NATUREZA E CULTURA

Cultural é um termo empregado em discussões periódicas e revela um olhar sobre os bens compreendidos importantes para um determinado grupo ou comunidade, entendidos como materiais e imateriais, portadores da identidade e de valores que ressaltam e distinguem as diversas culturas.

O dilema da consolidação biológica e a grande diversidade cultural da espécie humana [1], por este ângulo, se coloca como ponto norteador de quaisquer discussões que perpassem pelo âmbito da cultura, uma vez que, não se pode discursar sobre uma cultura única ou hegemônica. O estímulo a pensar cultura nos dias atuais está neste problema posto que, do contrário, coloca-se em xeque, de imediato, a multiplicidade humana (raças, etnias, povos) quando se parte da perspectiva de que os traços, hábitos, pensamentos e demais expressões dos povos são inerentes a estes, ou seja, inatos.

Por consequência, alguns termos precisam ser relevados dentro desta temática como Monogenismo – “Doutrina segundo a qual todas as raças humanas derivam de um tipo primitivo e único” [1] - Relativismo Cultural – “Perspectiva antropológica que vê diferentes culturas sem julgamento a partir de sua própria visão” [1] - e Etnocentrismo - Visão de mundo característica de quem considera o seu grupo étnico mais importante que os demais.

É frente a esta exposição conceitual que se partem os pensamentos conflitantes que provocam a reflexão acerca do olhar sobre as mais variadas culturas e da maneira como a cultura do observador pode interferir nas percepções e análises que este faz sobre outras culturas.

Não obstante, o processo permanente de aprendizagem de uma cultura, que aqui chamaremos endoculturação, parece sucumbir frente a pensamentos deterministas que ainda pairam sob a sociedade, justificando a importância da construção de um distanciamento entre o objeto de análise e o pesquisador cultural.

A partir desta afirmação põe-se em relevo a definição de cultura como hábito ou capacidade adquirida pelo homem com caráter de aprendizado. Partindo desta linguagem, a antropologia é fonte preciosa da pesquisa social, não obstante que

seja, o conjunto de teorias, métodos e técnicas que auxiliam na compreensão das práticas humanas em sociedade, ou seja, da própria cultura [2].

A existência de uma imensa diversidade cultural traduz diferenças, no entanto, não implica na existência de desigualdades [2]. Esta é uma máxima antropológica que precisa ser levantada e discutida, qual seja, de que a percepção de que valores e práticas diferentes não significam uma cultura primitiva ou inferior, sob a pena de cair-se na falácia do etnocentrismo.

Ao falar-se em distanciamento, não se pode, porém, abandonar a cultura e seus símbolos [3], uma vez que estes fazem parte da relação humana. A partir deste contexto entende-se que, de fato, se há a espécie humana, e, portanto, há memória e, em consequência, uma identidade que se traduz em símbolos, por certo, não pode haver o homem sem que haja uma espécie de cultura. O problema maior ao se pesquisar sobre cultura se apresenta exatamente na falácia de se analisar as diversas culturas (porque existem diversos povos) sob um olhar que estabelece relações de comparação hierárquica.

Outro problema relevante é o pensamento reducionista da cultura como viés de diferenciação que pressupõe uma cultura dominante a outra, um erro, uma vez que, não se pode falar em culturas hierárquicas se não se há uma cultura absoluta [3]. Partir deste pensamento é analisar os povos sob a luz de um conceito pré-estabelecido, quando, do contrário, é preciso estudar os povos sob a ótica deste mesmo povo, sob pena de se construir um afastamento cada vez maior entre as sociedades, ou seja, ao invés de identificar as diferenças na perspectiva da compreensão humana, se corrobora para a negação de determinadas culturais, por se evidenciar um ponto de vista pré-datado.

Neste sentido, é preciso que se perceba, ainda, que não se pode engessar as culturas, uma vez que, não há engessamento dos povos, muito menos relevar pontos de fusões culturais ou aculturação. Assim, é preciso compreender que a cultura está em constante transformação, tem-se então, que transformar não é perder cultura [3].

As transformações que a cultura pode sofrer devem ser vistas como um processo natural e evolutivo (evolução no sentido de mudanças não hierárquicas), entendendo a situação como uma construção constante de uma identidade, pousada nas memórias e experiências que, por certo, não serão sempre as mesmas.

Faz-se necessário colocar em evidência outras perspectivas culturais, menos óbvias e que servem de alimento para a discussão aqui posta. Nesta linha, desde os anos de 1970 o discurso ambientalista vem transformando a sociedade de forma avassaladora [4], rompendo as esferas acadêmicas e se estabelecendo como modificador dos comportamentos sociais.

Por este motivo, o termo “natureza” tem se posicionado lado a lado quando das discussões sócio-culturais, passando de “matérias que existem por si” – no pensamento aristotélico – à ideia ocidental de natureza como qualidade essencial de cada coisa.

A partir dos anos 1970 os estudos ambientais também se ampliaram revelando cada vez mais a presença humana no que antes se entendia como paisagens naturais, neste contexto, a análise ambiental passou a representar uma ampliação da análise cultural. Assim sendo, a dualidade entre natureza e sociedade/cultura, foi colocada em xeque [4], podendo-se perceber, portanto, que o pensamento ambiental atual foi uma construção histórica lenta e que ainda passa por aparas e mudanças.

Esta prerrogativa se faz verdadeira se analisarmos a complexidade de se definir o que é natureza. A sabedoria popular ainda carrega o pensamento clássico de que esta seria as coisas naturais. É preciso, contudo, vestir-se de cuidado ao simplificar de tal maneira esta definição para não cair na velha separação da natureza e do homem.

A tentativa, neste caso, deve ser a de aproximação entre o meio natural e o espaço humano/sociedades, entendendo a natureza como uma configuração momentânea e, portanto, entendendo as sociedades como uma transformação da natureza. Neste sentido, propõe-se uma relação íntima entre natureza e sociedade, relevando o fato de que esta relação pode ser construtiva, principalmente, na perspectiva cultural.

É preciso, porém, colocar-se à frente que os discursos ambientalistas não podem estar desacompanhados de discussões históricas e sociais. Esta afirmativa, ao passo que permite uma análise menos severa da relação homem e natureza, ajudando a compreender as dualidades que a cercam, nos auxilia, ainda, na tomada de decisões e permite que se aprofundem e avancem as iniciativas de produção do meio natural, mas também das pessoas [5].

Sob esta ótica, há, no Brasil, uma relevante discussão que corrobora com os pensamentos ora citados, qual seja sobre a cultura indígena. Neste caso, faz-se necessário a compreensão de que “o que distingue os conhecimentos tradicionais indígenas dos nossos conhecimentos (tradicionais ou científicos) é muito mais a forma que o conteúdo” [5].

Neste contexto, é necessário problematizar a pregação de que os conhecimentos indígenas precisam ser valorizados, uma vez que, majoritariamente, o discurso se balisa numa concepção tradicional do conhecimento [5]. É assim que repercute manifestações negativas que vêem a cultura índia como símbolo vergonhoso.

Desta maneira, algumas crenças que vêem os indígenas como agentes passivos do meio precisam ser revisitadas e discutidas, posto que, como visto, a natureza é, também, um produto do homem, ou seja, da cultura, inclusive a indígena. Assim, não se pode esperar que o índio – como o homem ocidental – não modifique suas habilidades, aprenda e evolua ideias a partir da exploração deste meio.

Este viés leva ao entendimento de que as relações homem-natureza, independente do local, são sempre relações sociais e nunca relações passivas. Melhor dizendo, o que muda entre os grupos é a forma que se relacionam com a natureza, e não a própria natureza em si [5].

Pode-se afirmar, portanto, que a natureza se torna paisagem, pois, é, assim como a sociedade, portadora de uma dimensão histórica e cultural [6], entendendo a paisagem aqui como “Espaço e figura da interface Natureza-Sociedade, do entrelaçamento de Natureza e Cultura, de Natureza e História”.

Assim sendo, a natureza – tal qual se imagina, como um espaço livre das ações antrópicas – não existe. Pelo contrário, neste espaço, também, podem-se relacionar as intenções humanas com os elementos que ali se apresentam.

Fecha-se, assim, que a cultura não é um instrumento puramente civilizador (de fuga da natureza intocada), mas um qualidade inerente à espécie humana, que participa, independente do lugar, das memórias de identidade do local e, portanto, interfere constantemente no meio que vive, ao passo que também transforma-se ao ciclo desta relação [7].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CULTURA É SOCIEDADE E NATUREZA

Frente à introdução sobre cultura cabem, ainda, reflexões acerca da endoculturação que, por sua vez, se opõe a algumas teses que colocam à realidade da raça humana como um processo puramente biológico. Esta complexa questão coloca-se como base para discussão da cultura na contemporaneidade, entendo que parte de uma aprendizagem constante as percepções sócias humanas.

Neste sentido, é preciso desassociar a ideia de realidade estática e hábitos tradicionais imutáveis que não corroboram com o desenvolvimento como um processo cultural. Faz-se, ainda, necessário o entendimento de cultura como expressão mutável, não-fixa, em transformação, pois, do contrário, cai-se na falácia de se associar qualquer desvio do tradicional como aculturação, perda de identidade, quando existe, apenas, um processo natural de evolução.

Toma-se como exemplo as festas juninas do nordeste do país e as discussões recentes acerca da entrada de novos ritmos musicais nestas comemorações, como o axé e o sertanejo, colocando-os como aculturação. Por certo que as tais festas juninas não são mais as mesmas, no entanto, continuam a representar um gosto popular, uma expressão nordestina e uma festa de tradições.

Os textos iniciais expõem, portanto, a questão da cultura como uma identidade formada pelas memórias que a sociedade imprime em símbolos transmitidos, busca pelo que se assemelha conosco, sendo, desta forma, necessário o rastreamento da cultura para o entendimento da sociedade.

Retoma-se, em seguida, a discussão acerca do entendimento de cultura, colocando em xeque o pensamento que reduz a questão à diferenciação dos povos, à hierarquização das sociedades e à evolução de ideias. Neste momento, é necessário frisar o pensamento contemporâneo de desenvolvimento como elevação da pessoa e não da sociedade, pois, do contrário, cai-se, novamente, no erro de se colocar a pessoa à frente do meio.

Pode-se, ainda, concluir que a sociedade se reconstitui no contato com o outro, quebrando, portanto esta dicotomia e colocando a discussão, novamente na perspectiva da transformação, bem como direcionam o pensamento para a clareza de que não existe a possibilidade de perda de cultura no que se refere a objeto da

antropologia e expressão humana. Seguindo o raciocínio, cultura não se relaciona a lugar geográfico, mas a aprendizado, podendo-se estar fisicamente em um lugar e culturalmente em outro.

Para além da cultura como objeto da antropologia, os textos nos transportam para o debate entre natureza e sociedade e, de início, relaciona o primeiro à questão cultural, quando afirma que a natureza também é um processo de transformação, assim sendo, cai-se a prerrogativa de natureza como mata virgem, ou o mito da natureza intocada.

Por certo que, o mito acima se esvai ao se perceber que de fato o maniqueísmo existente nas relações entre o ambiental e o social é uma falácia. Não se pode pensar em fronteira da natureza, pois não existem, portanto, as ações que desenvolvemos no espaço não-urbano, recaem sobre nós mesmo.

Essa abordagem vai ao encontro do pensamento que não permite a dissociação da história das práticas ambientais e sociais. Deste modo, exclui-se da análise científica o erro de se confrontar ideias opostas a partir de um ponto de vista único, entendendo o ser humano como uma construção social e, portanto, um produto do aprendizado.

É, do mesmo modo, que se encerra a discussão, relacionando as práticas tradicionais aos atuais entendimentos de sociedade/natureza. Neste sentido, coloca-se a reflexão do senso comum de que a cultura do outro precisa se manter ea nossa não.

Ainda seguindo neste diálogo, os textos finais alimentam a ideia de que os conhecimentos não científicos também carregam uma forma de saber e uma linguagem, desvinculando-se, assim, do conhecimento apenas dos textos.

REFERÊNCIAS

1. LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p.9-29.
2. SANTOS, Rafael José. **Antropologia para quem não vai ser antropólogo**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005. p. 17-36.
3. SAHLINS, Marshall. **O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: Por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção**. Revista Mana. Rio de Janeiro. v. 3, n. 1, p. 41-73, abr. 1997.
4. PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. Estudos Avançados. São Paulo. USP, v. 24, n.68. p.81-101. 2010
5. BUBLITZ, Juliana. Forasteiros na floresta subtropical: notas para uma história ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul. **Revista Ambiente & Sociedade**. Campinas. v. XI. n.1, p.451-463. jul./dez. 2008.
6. CATRO, Eduardo Viveiros de. **A natureza em pessoa: sobre outras práticas de conhecimento**. In: **Encontro "Visões do Rio Babel. Conversas sobre o futuro da bacia do Rio Negro"**. Instituto Socioambiental e a Fundação Vitória Amazônica, Manaus. 22 a 25 de maio de 2007.
7. PARDINI, Patrick. **Natureza e cultura na paisagem amazônica: uma experiência fotográfica com ressonância na cosmologia ameríndia e na ecologia histórica**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goedi. Ciências Humanas. v. 7, n.2, p.589-603, maio-ago. 2012